



ENSAIOS EM PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA OU LÍNGUA ESTRANGEIRA

*Papers in Portuguese
as a second or foreign language*

Estudo de Vocativo para o Ensino de
Português como Língua Estrangeira
Lays Fernandes dos Santos

Estudo de vocativo para o ensino de português como língua estrangeira

Lays Fernandes dos Santos – laysfernan@gmail.com

Resumo

O presente artigo pretende investigar o uso dos vocativos na fala informal cotidiana do português do Brasil com o intuito de colaborar com o ensino de PL2E. Para tanto, foram examinadas seis gramáticas, sendo quatro voltadas para falantes de língua portuguesa como materna e duas para falantes de português como língua estrangeira. Para análise de dados, foram observados treze vídeos de um canal do YouTube denominado “Porta dos Fundos”, porque representam a fala natural informal do dia a dia do brasileiro. Foram analisadas as classes de palavras formadoras de vocativos de maior incidência no corpus.

Palavras-chave: PL2E, vocativo, classes de palavras.

Study of vocative for Portuguese as a foreign language

Abstract

This paper aims at investigating the use of vocatives in informal everyday Brazilian Portuguese language speech in order to contribute with research on PL2E teaching. To do so, six grammar books were examined. It should be mentioned that four of these grammars are aimed at speakers of Portuguese as a native language, and the other two, for speakers of Portuguese as a foreign language. For data analysis, thirteen videos of from a YouTube channel called “Porta dos Fundos” were selected, since these are representative of Brazilian informal everyday speech. The analysis were focused on vocative-forming word classes of higher incidence in the corpus.

Key words: PL2E, vocative, classes of words.

1. Introdução

O estudo do português como língua estrangeira requer do professor um olhar diferenciado sobre a língua, é fundamental observá-la e descrevê-la não como falante nativo, mas, sim, pela perspectiva do estrangeiro, aquele que não compartilha dos mesmos conhecimentos linguísticos e culturais que compõem o idioma. Como afirma Meyer (1998, p. 67), “Para se descrever a língua portuguesa como língua estrangeira é preciso, antes de mais nada, que se faça um exercício de mudança de ponto de vista, uma alteração de enfoque, numa atitude que poderíamos chamar expressivamente de ‘torção do pensamento’.”

É imprescindível que haja uma constante reflexão por parte do professor sobre o que de fato é relevante para o aprendiz estrangeiro de língua portuguesa, observando aspectos gramaticais e culturais voltados para o padrão de uso da língua e não apenas para o uso padrão, pois o objetivo é que o aluno use a variante da língua que soa mais natural na comunidade falante. Afinal, conforme postula Meyer (1998, p. 69),

Uma descrição do português como língua estrangeira deve ter como objetivo exatamente dar ao falante-aprendiz a chance de se aproximar ao máximo possível da fala materna, de forma que ele possa não apenas comunicar-se, mas comunicar-se com o máximo de eficácia.

Aprender uma língua implica desenvolver a capacidade de usá-la em variadas situações comunicativas de forma mais próxima possível ao uso de seus falantes nativos e, para isso, o ensino de português como segunda língua para estrangeiros (PL2E) deve levar em conta as necessidades específicas deste aprendiz.

Perini (1997) aborda a questão sobre o que é “saber português” postulando que não se trata de conhecer as regras gramaticais, mas, sim, de saber usar a língua efetivamente. Apresenta a distinção entre os conhecimentos implícito e explícito, apontando alguns aspectos do primeiro que não são abordados nas escolas brasileiras por não corresponderem ao padrão eleito pela gramática normativa, mas que são incorporados pelos falantes nativos por se tratarem de construções linguísticas de usos mais frequentes. Contudo, poderá o aprendiz estrangeiro se deparar com tais construções e não ser capaz de compreendê-las ou de utilizá-las em situações reais de seu uso, independente do que a gramática padrão postula ser o mais adequado.

Perini (1997) afirma ainda que se deve considerar que o ensino de um idioma estrangeiro está intrinsicamente ligado ao ensino de cultura, pois elementos culturais refletem a representação de mundo de determinado grupo e interferem na comunicação. Assim, podemos dizer que a exploração de uma está atrelada à exploração da outra, conforme afirma Flanzer (2016), ao defender que quanto maior a compreensão da cultura, maior a possibilidade do aluno compreender textos orais e escritos e de aumentar sua capacidade de se expressar com mais eficiência: “Ao ensinarmos uma língua específica, ensinamos também uma cultura específica; língua e cultura são indissociáveis” (p. 134).

De acordo com Meyer (2016), ao refletirmos sobre cultura precisamos distinguir a cultura objetiva - arte, alimentação, política ... - da cultura subjetiva, que se refere às crenças, valores, ideais e comportamento que não apenas perpassam a existência dos membros de certa comunidade, mas que determinam suas relações e seu modo de interagir no mundo. É preciso explorar dados da cultura subjetiva dos falantes de língua portuguesa do Brasil para tentar esclarecer conceitos e usos que possam trazer dificuldade de entendimento do aluno de PL2E, possibilitando-lhe a compreensão e a imersão em práticas socioculturais próprias dos usuários da língua em questão, favorecendo uma maior inserção na cultura brasileira.

Com o intuito de colaborar com a descrição da língua portuguesa com vistas ao ensino como língua estrangeira, este estudo tratará sobre os usos orais informais de vocativos na fala do brasileiro, que, apesar de serem de ampla presença e relevância nas interações sociais, muito pouco são descritos em gramáticas voltadas para aprendizes nativos e estrangeiros.

Os falantes nativos, por imensa exposição ao termo, detém maior conhecimento implícito acerca de seus usos cotidianos, mas devemos considerar que podem ser obscuros para o aprendiz de PL2E, podendo prejudicar sua compreensão e sua adequação no uso, necessitando, assim, que esses conhecimentos sejam a ele explicitados.

Para tanto, será feito um levantamento da descrição do vocativo em quatro autores de gramáticas de português como língua materna – Azeredo (2012), Bechara (1999), Cunha & Cintra (1985), Neves (2000) - e de três autores de duas gramáticas voltadas para o ensino de português como língua estrangeira – Hutchinson & Lloyd (1996) e Whitlam (2011). Em seguida serão analisados os usos de vocativos em situação de interações orais informais a partir de treze vídeos disponíveis no Youtube, no canal “Porta dos Fundos”.

2. O vocativo

O estudo sobre o vocativo disponível nas gramáticas brasileiras não é muito profundo e não traz para o aprendiz estrangeiro dados suficientes para utilizá-los de maneira mais próxima da interação natural do falante materno. Não é suficiente para o aluno de língua estrangeira saber as formas de vocativo da língua padrão, pois poderá estabelecer interações em linguagem informal nas quais entrará em contato com vocativos que não são previstos nessas gramáticas, mas que são frequentes em interações sociais informais corriqueiras.

Não basta conhecer nomes e pronomes de tratamentos que as gramáticas fornecem, é preciso reconhecer e usar adequadamente aqueles que estão “na boca do povo”, os usuais, sendo imprescindível, para uma comunicação mais eficiente, reconhecer quais podem ser os mais adequados para serem utilizados em determinado contexto comunicativo. Esse tipo de dúvida geralmente não é apresentado pelo falante nativo, que, por tanta exposição à sua língua, já tem incorporado este saber sem maior necessidade de reflexão sobre o assunto.

O uso inadequado dos vocativos pode comprometer a intenção expressiva do falante, podendo gerar uma interpretação indevida e prejudicar sua comunicação. Por isso há necessidade de um estudo com descrições que abordem as adequações voltadas para distintas

situações, colaborando para ampliação da competência comunicativa dos aprendizes, possibilitando ao aluno estrangeiro se inserir adequadamente na cultura da língua em foco.

Assim, se o falante estiver em um contexto mais formal, deve ter consciência de usar os vocativos mais adequados à situação, mantendo a distância e a hierarquia adequadas, da mesma forma quando estiver em um meio informal, deve ser capaz de perceber que será mais adequado se referir a seu interlocutor por meio de um vocativo que estabeleça uma relação de um pouco mais de proximidade.

Devemos ter em mente que as escolhas são definidas tanto pelas exigências da situação, como pela intenção do falante, pois, a depender de seu intuito - persuadir, chamar atenção, estabelecer proximidade ou distanciamento, manter de hierarquia ... - poderá optar por um vocativo que melhor colabore com a obtenção de seu propósito.

As gramáticas de português como língua materna analisadas, ao levarem em consideração a função pragmática do vocativo, caracterizam-no como “termo de chamamento”, como é possível verificar em Cunha & Cintra (1985, p. 156): “Servem apenas para invocar, chamar ou nomear, com ênfase maior ou menor, uma pessoa ou coisa personificada”.

Bechara (1999, p. 460) declara que o vocativo “cumpre uma função apelativa de 2ª pessoa, pois por seu intermédio, chamamos ou pomos em evidência a pessoa ou coisa a que nos dirigimos”, podendo ser formado por substantivos ou pronomes, aceitando a presença de expansões. Já Azeredo (2012, p. 75) identifica-os como “formas que nomeiam o próprio interlocutor ou lhe concedem um tratamento: *Meu caro Vinicius! / Prezados senhores! / Majestade!*”

O vocativo é descrito também como um termo à parte da oração, visto que não é subordinado a nenhum outro, não exercendo função sintática e, por isso, são considerados como termos isolados das frases: “A estes termos, de entonação exclamativa e isolados do resto da frase dá-se o nome de VOCATIVO (CUNHA & CINTRA, 1985, p. 156). Bechara (1999, p. 460) também destaca o apartamento do vocativo em relação à estrutura oracional: “uma unidade à parte – desligado da estrutura argumental da oração e desta separado por curva de entonação exclamativa”. Contudo, Cunha & Cintra (1995) apontam que, apesar de se tratar de um termo que não estabelece ligação sintática com outro termo da frase, pode, sim, manter vínculo com alguma palavra, indicando a existência de sua relação semântica com outro vocábulo da frase.

Embora não subordinado a nenhum outro termo da oração e isolado do resto da frase, o VOCATIVO pode relacionar-se com algum dos termos. Assim, neste exemplo:
E, ao vê-la, acordarei, **meu Deus de França!**

(A. Nobre, S, 43)

O VOCATIVO *meu Deus de França!* Não tem relação alguma com os demais termos da frase. Já nestes exemplos:

Dizei-me vós, **Senhor Deus!**

(Castro Alves, *OC*, 281)

Ó lanchas, Deus vos leve pela mão!

(A. Nobre, S, 31.)

o VOCATIVO *Senhor Deus!* Relaciona-se com o sujeito vós, da primeira oração; e o VOCATIVO *Ó lanchas* com o objeto direto vos, da segunda.

(CUNHA & CYNTRA, 1995, p. 156)

Azeredo (2012, p. 76) destaca que “Isolados em frases exclamativas, alguns vocativos cristalizaram-se como locuções interjetivas (Minha nossa senhora!, Deus do Céu!)”.

Diante das exposições acima, confirma-se que a caracterização do vocativo se restringe, nas gramáticas aqui tratadas, a defini-lo como termo de chamamento e a apontar seu isolamento sintático do resto da frase. Não há referência à sua relevância semântica na construção de sentido do enunciado, ignorando a descrição dos usos mais informais tão frequentes na fala cotidiana e a importância de sua adequação em cada situação de fala para que o intuito do falante seja alcançado.

Neves (2000) - que apresenta uma visão funcionalista da gramática, ou seja, uma vertente linguística na qual a língua é vista como um instrumento de interação social e que se adapta às funções comunicativas e, por isso, deve ser observada em situação real de uso - não destina qualquer segmento de seu texto para descrição exclusiva do vocativo. O termo é apresentado em distintos momentos ao longo das descrições de outros termos com os quais pode aparecer no discurso, indicando seus usos associados à intenção do falante, como, por exemplo, ao tratar das particularidades dos pronomes possessivos.

Nessa parte de sua gramática, a autora salienta que, quando os pronomes possessivos *seu, sua, seus, suas* compõem o vocativo acrescido de um adjetivo qualificador de conotação negativa, passam a expressar uma provocação. Desta forma, ainda que o foco do estudo seja o pronome possessivo, podemos observar o sentido provocativo que o vocativo pode assumir quando composto pela combinação das classes gramaticais citadas acima, conforme evidenciamos nos exemplos apresentados:

Fala baixo, **SUA idiota**. (VA)

Pode escolher as suas armas que eu acabo com você, **SEU porco** traidor. (FSP)

Não notou a tranca antes de entrar, **SEU banana?** (FSP)

(NEVES, 2000, p. 487)

A autora aponta ainda que o pronome possessivo MEU e suas flexões, quando compondo um vocativo, podem indicar:

- tratamento cerimonioso

“Pois não, **MINHA senhora**, às suas ordens. (CCA)”

- afetividade ou intimidade

“Volte sempre, **MINHA querida**, volte sempre! (CP)

- ainda ironia e desprezo, como nos exemplos que apresenta:

“Se você, **MINHA querida**, bater em minha porta, juro que vou esmagar sua cabeça. (FSP)”

Assim, também é possível observar que tal descrição constitui um valioso recurso para o aprendiz de PL2E quanto ao uso do vocativo, combinando o pronome possessivo MEU (S)/MINHA(S) a fim de expressar cerimônia, afetividade ou desprezo.

Neves (2000) expõe ainda que

A forma masculina **SEU** é usada, junto de **nome próprio** masculino, em fórmula de tratamento respeitoso. Não é possessivo:

SEU Antônio que greve é coisa de vagabundo. (EN)

SEU José Maria, o senhor hoje perdeu a hora! (MP)

(NEVES, 2000, p. 488)

Percebe-se, no último exemplo, que o vocativo, a fim de conferir um tratamento respeitoso, pode lançar mão da forma *SEU* + *nome* no lugar do pronome de tratamento SENHOR.

Quanto às descrições dos vocativos em gramáticas de português para estrangeiros, podemos verificar que também não é reservado ao vocativo um lugar de destaque, visto que sua descrição não é aludida especificamente. O termo é abordado quando se trata de estruturas comunicativas da língua nas quais pode aparecer, conforme ressaltam Hutchinson & Lloyd (1996), em que aparece na parte de “Taking leave”, onde são tratados termos de cumprimentos, e mais notadamente em “Attracting attention”, em que são descritos os chamamentos usados em português do Brasil, afim de despertar a atenção do interlocutor. Os autores dispõem como exemplos de formas para atrair a atenção do interlocutor a expressão “Por favor” e “Garçom!”.

Hutchinson & Lloyd (1996) apontam ainda que o nome próprio é usado como vocativo quando o locutor quer singularizar seu interlocutor, destacando-o do grupo em que está inserido, como nas frases que retratam:

“Carlos, você já viu esse filme?”

“Francisco e Daniela, como vocês estão de visita, não querem vir também?”

Hutchinson & Lloyd (1996, p. 177)

Os autores referidos acima coadunam-se com Neves (2000) ao descreverem que no uso coloquial o PB substitui o pronome de tratamento “o senhor” pela forma “seu” quando precede nome próprio, como a seguir:

“Seu Juca, que surpresa encontrar o senhor por aqui.”

Hutchinson & Lloyd (1996, p. 177)

Outra descrição importante para o ensino de português como língua estrangeira que os autores apresentam é a informação da preferência dos brasileiros em usar termos afetivos como formas de endereçamento, como em papai, mamãe, titio e titia, assim como o uso de apelidos afetivos nos vocativos, como em “Pois não, Zeca, com muito gosto.” Hutchinson & Lloyd (1996, p. 178).

Whitlam (2011) também descreve o uso do “seu” como substituto de “senhor” e “dona” como substituto de “senhora”, afirmando que, quando se pretende demonstrar respeito, é comum preceder tais formas ao nome da pessoa com quem se fala:

“Pode entrar, senhor/seu Pedro”

“Bom dia, dona Sandra”

Whitlam (2011, p. 258)

Em endereçamentos diretos, Whitlam (2011) afirma que podem ser usados títulos como em:

“Professor, vai ter prova hoje?”

“Tia, você viu minha mãe?”

Whitlam (2011, p. 259)

O autor assinala ainda que o título “tia” pode ser usado para se referir tanto à parente quanto a pessoas com as quais o interlocutor não possui relação de parentesco.

Considerando o vocativo como um termo que cumpre a função de chamar, invocar ou nomear o interlocutor, procurou-se identificar no corpus analisado os termos que cumprem tal função, a fim de observar seu funcionamento na variante informal oral da língua portuguesa do Brasil, conforme a etapa seguinte.

3. Análise de dados

O corpus de análise para o estudo sobre vocativos foi obtido a partir de treze vídeos de um canal do Youtube chamado “Porta dos Fundos”. A escolha desses vídeos se deu porque

tratam de encenações baseadas em situações reais do dia a dia, o que favoreceu o recolhimento de uma quantidade de vocativos representativos dos usos orais informais do PB.

O quadro abaixo apresenta a lista dos vídeos analisados, suas durações, as datas em que foram postados, seus referentes links e o total de termos de chamamentos, invocações e nomeações encontrados em cada um.

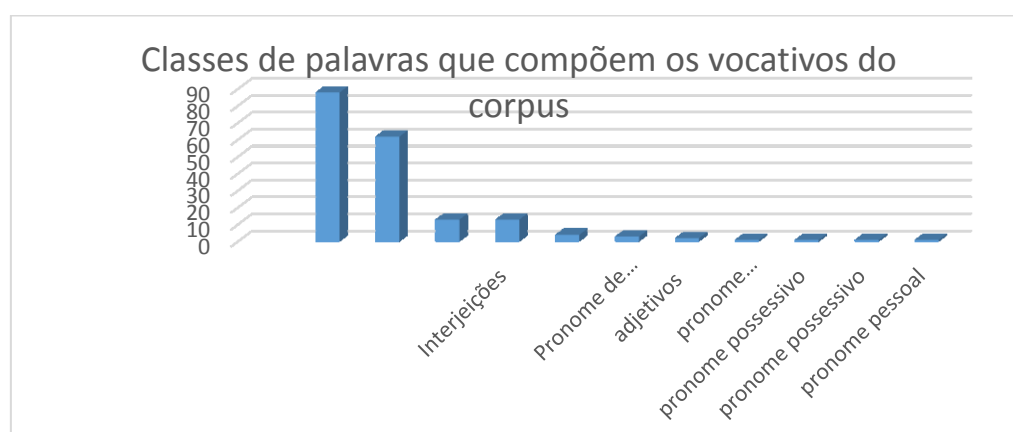
	nome	duração	data	link	Chamamentos/invocações/ nomeações
1	Quem Nunca!	3'32''	09.8.2014	https://www.youtube.com/watch?v=JRj_vEpaTPg	19
2	Amigo Secreto	5'41''	14.12.2014	https://youtu.be/C9nSNkqv_x8	31
3	Amigo Secreto com Porta dos Fundos	3'26''	07.12.2015	https://www.youtube.com/watch?v=qbxsc_1rMTw	13
4	Amigo Secreto 2	2'16''	19.12.2015	https://www.youtube.com/watch?v=gf4n4vAwy9	6
5	Como foi?	2'28''	24.12.2015	https://youtu.be/trD9CLL9iHs	5
6	Banheiro	2'03''	23.6.2016	https://www.youtube.com/watch?v=RSN351kZ2-M	7
7	Brinco	2'28''	11.7.2016	https://www.youtube.com/watch?v=HFKLSelZF6M	32
8	Amigo Secreto na Cadeia	3'34''	03.12.2016	https://www.youtube.com/watch?v=nhZ-sdPVIbW	10
9	Prisão Domiciliar	2'39''	06.5.2017	https://www.youtube.com/watch?v=QFt0ro5vKzc	7
10	Morreu	4'04''	26.8.2017	https://www.youtube.com/watch?v=NTYLk5FPjvk	13
11	Prisão Domiciliar (2)	4'	20.11.2017	https://youtu.be/8jXDVszlMnU	12
12	Contatos	2'32''	23.11.2017	https://www.youtube.com/watch?v=AdvGGXFparM	17
13	Férias	3'02''	02.12.2017	https://www.youtube.com/watch?v=lsDnWKkui0Q	11

Observando-se o quadro acima, apura-se que, em 41 minutos e 45 segundos de interações orais informais, foram identificadas 183 ocorrências de termos que cumpriram a função de chamamentos, invocações e nomeações, o que revela uma alta incidência no corpus, evidenciando a relevância de seu estudo para ensino de português como língua estrangeira.

Os vocativos encontrados são compostos não só por substantivos, pronomes e possíveis extensões, como previsto por Bechara (1999), mas também por outras classes de palavras, conforme segue:

- **Substantivos comuns/ locuções substantivas (88):** Gente = 27; Cara = 21; irmão= 5; Senador = 4; Vizinho = 4; Amiga= 2; Rapá = 3; Doutor = 1; Amigo =1; Meninas=1; amor= 2; filho= 4; pai= 3; papai= 3; moço= 3; moça= 1; menina= 1; mano= 1; Filha da puta= 1
- **Substantivos próprios (62):** Fernanda= 13; Jorge = 5; Michele= 5; Sílvia= 2; Milton= 3; Maurício= 3; Guiomar = 2; Cíntia =3; Tchutchuquinho= 2; Lucas= 3; Cláudia = 1; Beíçola = 1; Luíza= 1; Gabriel= 2; Murilo= 2; Ellen= 2; Saulito= 1; Alicate= 1; Marcelinho= 1; Paulo= 1; Sheila= 1; Juliana=1; Joaquim Barbosa= 1; Claudinho= 1; Cláudio= 1; Vanderlei= 2; Tia Mirtes= 1
- **Pronome possessivo + substantivo (13):** Meu amor= 9; Minha princesa= 1; Meu filho = 1; meu Tchutchuco= 2
- **Interjeições (8):** Ei= 1; Ô= 1; Psiu= 1; Pelo amor de Deus= 5; Jesus = 1; Padre José=1; Meu Deus = 1; Assembleia de Deus = 1; Pastor=1
- **Pronome possessivo + adjetivo (4):** Meu lindo= 1; minha linda= 1; Meu querido = 1; seu lindo= 1;
- **Pronomes de tratamento (3):** Senhora = 1; Senhor = 1; vocês= 1
- **Adjetivos (2):** Querido =1; Bobo= 1;
- **Pronome demonstrativo + substantivo (1):** Esse menino= 1
- **Pronome possessivo (1):** Meu =1
- **Pronome pessoal (1):** Eu= 1

O gráfico abaixo demonstra a incidência das classes gramaticais que compõem os vocativos encontrados no corpus.



Constatamos a grande frequência de substantivos, somando 80%, e apenas 2,6% de pronomes formando vocativos – classes de palavras prevista por Bechara (1999) como formadoras de vocativos. Contudo, é notável a presença de outras classes de palavras que não

substantivos

Quanto aos substantivos, verificou-se a ocorrência de 88 comuns e 62 próprios. Pode-se, diante dos dados, constatar a preferência de uso de vocativos formados por substantivos que não singularizam o interlocutor, pois, conforme postulam Hutchinson & Lloyd (1996), o uso do nome próprio como vocativo se faz quando o locutor quer singularizar seu interlocutor, referindo-se a ele de forma específica.

(3) Você tá doido, **rapá!**

(15) **Guiomar**, você está vendo algum oficial de justiça aqui hoje?

(19) Por que você não vai pra outro lugar, **cara?**

[illegible]

Ainda sobre os 62 substantivos próprios encontrados, 55 referem-se a primeiros nomes e 7 referem-se a apelidos, o que demonstra que faz parte da cultura brasileira, na fala informal, o locutor usar tais termos para chamar seu interlocutor, conforme o grau de proximidade entre eles.

(17) Não! Meu nome tá aí na lista, **amigo!**

(33) **Ô meu cthucthuco**, eu tô te ligando pra pedir pra você guardar meu brinco.

(43) Que verde, **Cthucthuquinho!** Eu tô falando do tamanho. Ele é de pérola!

(52) **Minha princesa**, você quer me matar do coração, **minha linda?**

(61) Ah, não, **amiga**, vamo pedir uma música no Karaokê.

(98) Ah! **Saulito!** Espero que goste, de coração!

(100) **Ô tia Mirtes!**

Ao todo, foram encontrados 45 vocativos desse tipo, perfazendo 24% do total. O que aponta sua importância nas relações interacionais informais.

Dos 84 vocativos formados por substantivos comuns, 21 são compostos pelo substantivo **cara** e 27 pelo substantivo **gente**, o que, somados, chegam a 48 incidências, isto é, 25,5% do total dos vocativos encontrados.

Tais termos referem-se a interlocutores que se colocam no mesmo patamar de relacionamento e, por isso, são usados em situações em que há maior proximidade entre eles, como se pode observar nos casos:

(22) **Cara!** Jorge, você é muito teimoso... (dois colegas de trabalho conversando)

(30) **Cara**, você comeu naquele restaurantezinho que fica na esquina da Quinta com a Broadway? (duas amigas se encontram e conversam sobre uma viagem)

(58) Ai, **gente**, essa comida tá demorando, né? (dois casais jantando)

(126) **Gente**, desculpa aí, mas é que vocês me pegaram meio desprevenido. (grupo de colegas de trabalho participando de um Amigo Secreto)

É relevante atentar que *cara* e *gente* servem para tratamento tanto de gênero masculino como de feminino e, por isso, são menos específicos.

Pode-se ainda perceber o uso equivalente de *cara* a um pronome de tratamento informal quando se estabelecer a comparação abaixo, considerando maior ou menor proximidade entre os interlocutores em cada situação.

(118) Um carro, **cara!** Aqui o documento! / Um carro, **senhor!** Aqui o documento!

O exemplo (118) foi retirado de uma cena que retrata uma conversa informal entre colegas de trabalho quando estão revelando o Amigo Secreto. Caso o nível de formalidade fosse um pouco mais distanciado, sendo, por exemplo, o interlocutor um chefe, provavelmente o vocativo seria substituído por um pronome de tratamento mais adequado, no caso, **senhor**. Pode-se perceber que a substituição altera apenas o nível de proximidade entre os interlocutores.

O mesmo acontece com *gente*:

(127) Ih! Tá fazendo charminho! O que que tem nessa sacola, **gente!**

Ih! Tá fazendo charminho! O que que tem nessa sacola, **senhores!**

Pronomes possessivos + nomes

Dentre os pronomes, verificamos que o pronome de tratamento aparece compondo apenas em 1,5% dos vocativos totais encontrados, ou seja, uma incidência bem menor do que o uso, por exemplo, das combinações de *pronome possessivo + nomes* (substantivo e adjetivos), das quais apenas Neves (2000) trata. Estas combinações de classes gramaticais figuram 9% das incidências, o que aponta para a importância em descrevê-las para o aprendiz de PL2E.

Nota-se que o uso de pronome *possessivo + substantivo ou adjetivo* no corpus revela, conforme postula Neves (2000), afetividade/ intimidade e ironia:

(10) Tá trabalhando à toa, **meu filho!**

Nesse caso, a fala é de um senador que, ao receber uma intimação de um oficial de justiça, tenta buscar uma aproximação, referindo-se a ele como **meu filho**, pois pretende persuadi-lo a não concluir seu trabalho. Tal escolha não se dá ingenuamente, pois contribui para construir uma relação próxima à paternal, em que o locutor (senador) coloca-se como aquele que possui mais experiência, que acolhe e que pode orientar seu “filho” a não perder tempo com a burocracia da Justiça.

Já no exemplo

(11) E o que que acontece numa prisão domiciliar, **meu querido?!**

identifica-se certo tom de ironia, indicando que o interlocutor já conhece a resposta e não precisaria o locutor explicar-lhe. Também em

(51) Viu, **meu lindo?** Precisava ter se preocupado tanto? Não, né?!

(52) **Minha princesa**, você quer me matar do coração, **minha linda?**

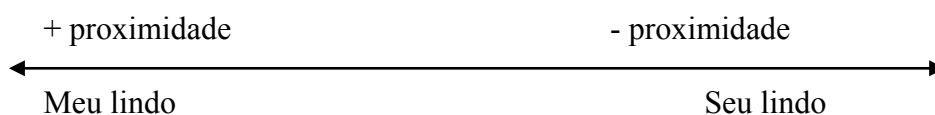
pode-se confirmar a adequação do uso de *meu/minha + substantivo/adjetivo* para indicar alto grau de proximidade e intimidade, pois trata-se de uma conversa entre um casal de amantes ao telefone.

O pronome **meu**, nesses casos, não traz consigo a ideia de posse, mas de afetividade, e é usado quando se pretende indicar que se guarda afeto pelo interlocutor. Colocando em oposição a fala do homem, na mesma conversa telefônica com sua amante, porém em situação estressante, verifica-se que ele escolhe um vocativo mais direto, sem revelar qualquer afetividade:

(49) Pera aí o quê, **Fernanda?!**

Verifica-se, nesse caso, que **seu** está também desagregado da ideia de posse, da qual um pronome possessivo deveria estar imbuído. Porém não se trata de, como defendem Neves (2000), Hutchinson & Lloyd (1996) e Whitlam (2011), um trato respeitoso correspondente ao pronome de tratamento *senhor*. O **seu** combinado com o adjetivo *lindo* traz ideia de afetividade, contudo menor que de **meu**, como se pode observar contrastando-os na mesma oração:

Assim, teríamos, numa escala de + e – afetividade, a colocação dos vocativos em:



Em relação às interjeições e às locuções interjetivas, constatou-se 8 ocorrências em que se encontram desacompanhadas no vocativo, ou seja, 4,2% do total.

(117) **Ei**, desculpa, é um carro que ela deu?

Os exemplos (47) e (71) apresentam a interjeição *Jesus* e as locuções interjetivas *Padre José*, *Assembleia de Deus*, *Pastor* e *Meu Deus*. O vocativo *Jesus* e *Meu Deus* são considerados interjeições cristalizadas por Azeredo (2012) e, apesar de *Padre José*, *Assembleia de Deus* e *Pastor* não estarem ainda cristalizadas, são usadas com intenção equivalente, isto é, intensão de expressar espanto e não de estabelecer interação com algum interlocutor, como postula Rebello (2016). A autora classifica tais interjeições como emotivas de espanto e surpresa, pois “funcionam como uma forma de chamar a atenção ou alarmar para algo que assombra ou que não se espera” (REBELLO, 2016, p. 30).

Assim, verifica-se que os vocativos cristalizados como interjeições ou locuções interjetivas, ou a elas equivalentes, perdem seu papel de chamamento de interlocutor para expressarem espanto ou surpresa diante de alguma situação inesperada.

Contudo, um vocativo desse tipo poderia ser considerado como um termo de chamamento se de fato o locutor se dirigisse a um interlocutor como em uma oração, por exemplo: “**Meu Deus**, esteja entre seus filhos que tanto clamam por paz.”.

É relevante destacar também que 6,4% dos substantivos que ocuparam lugar de vocativo no corpus vieram acompanhados pela interjeição **Ô**, que, conforme descreve Rebello (2016), possui a característica de ser usada na presença do interlocutor como constatamos em: **Ô** Beißola / **Ô** vizinho (3x) / **Ô** Guiomar/ **Ô** Cláudia/ **Ô** meu Chtuchtuco/ **Ô** Cthucthuquinho/ **Ô** Lucas/ **Ô** esse menino/ **Ô** tia Mirtes! / **Ô** gente.

Entretanto, além de acompanhar substantivos no vocativo, a interjeição pode, sim, aparecer desacompanhada, exercendo função de chamamento de um interlocutor, como acontece em:

(27) **Ô, ô, ô**, que que é isso?!

(78) **Ô** esse menino! **Psiu!** Vem cá!

(117) **Ei**, desculpa, é um carro que ela deu?

Bechara (1999, p. 330) afirma que interjeição “é a expressão com que traduzimos os nossos estados emotivos” e Cunha & Cyntra (1995, p. 577) postulam que “Interjeição é uma espécie de grito com que traduzimos de modo vivo nossas emoções”. Contudo, é possível evidenciar que nos exemplos acima não tratam de o locutor expressar emoções, mas de chamar seu interlocutor.

Rebello (2016) classifica esse tipo de interjeição como sendo **persuasivas de chamamento**, visto que “são utilizadas quando o falante quer que atendam ao seu chamado e quando algum contato quer ser estabelecido por ele” (p. 82). O que nos leva a atentar para Hutchinson & Lloyd (1996) ao descreverem termos de chamamentos usados em português do Brasil para despertar a atenção do interlocutor, dispondo como exemplos a expressão “Por favor” e o substantivo “Garçom!”.

No primeiro caso, podemos verificar que a expressão “Por favor” cumpre as funções de solicitar um pedido de forma cortês e de chamamento ao mesmo tempo, exercendo, desta forma, a função de um chamamento mais generalizante. O segundo exemplo refere-se a um

direcionamento mais específico para o interlocutor, sem que provoque dúvida sobre quem está sendo chamado.

É admissível, então, afirmar que as conjunções de chamamento praticam o mesmo comportamento da expressão “Por favor”, isto é, solicitam a atenção do autor de uma forma mais generalizante.

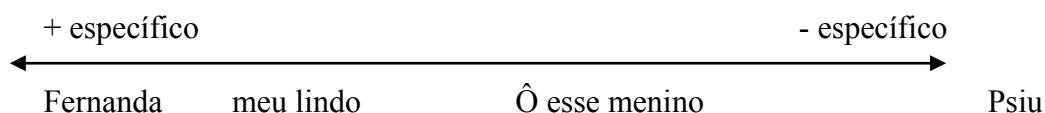
Comparando os exemplos abaixo,

(49) Pera aí o quê, **Fernanda!**

(51) Viu, **meu lindo**? Precisava ter se preocupado tanto? Não, né?!

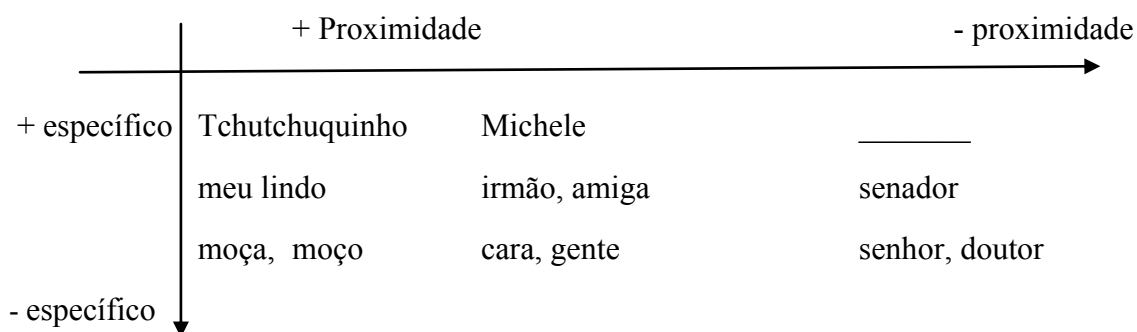
(78) **Ô esse menino! Psiu!** Vem cá!

pode-se, numa escala de + e – especificidade, colocar os vocativos na seguinte ordem:



Assim, é aceitável considerar que as interjeições de chamamento, como substantivos, pronomes e possíveis expansões, cumprem a função de vocativo no português falado no Brasil e estes devem ser classificados + específico ou – específico.

Retomando as setas de + ou – *especifico* e a de + ou – *afetividade* apresentadas anteriormente, pode-se uni-las em cruzamento, a fim de estabelecer a localização de vocativos em uma gradação de posicionamentos partir de alguns exemplos encontrados no corpus:



O cruzamento das setas acima possibilita ao aprendiz de PL2E encontrar maior clareza para escolher o uso mais adequado à situação comunicativa que se encontrar.

Foram encontrados ainda pronomes possessivos + adjetivos, pronomes de tratamento + adjetivos, pronome demonstrativo + substantivos, pronome possessivo e pronome pessoal. Contudo não serão discutidos aqui porque tiveram menor ocorrência (6%) e por se tratar de um trabalho de menor extensão, mas que são dignos de estudos posteriores.

4. Conclusões parciais

O vocativo, tão pouco explorado pelas gramáticas analisadas, revela-se um termo muito significativo nas interações comunicativas e deve ocupar um lugar de destaque nas gramáticas e materiais didáticos de PL2E. Pois, principalmente em situação de imersão, o aprendiz estrangeiro poderá se deparar com algumas construções de vocativos comuns no dia a dia do brasileiro, mas que não são abordadas pelas gramáticas tradicionais, podendo, assim, não ser capaz de compreendê-los ou de utilizá-los de maneira adequada às diferentes situações comunicativas.

Diante disso, este artigo pretendeu investigar o uso dos vocativos na fala informal cotidiana do português do Brasil, com o intuito de colaborar com a descrição da língua portuguesa com vistas ao ensino de PL2E.

Escolheu-se como corpus de análise 13 vídeos do canal “Porta dos Fundos” porque representam a fala natural informal cotidiana do PB. Após investigação do corpus, foi possível observar que:

- os vocativos encontrados não são compostos apenas por substantivos e pronomes (e possíveis extensões), como previsto por Bechara (1999), mas também por outras classes de palavras, como adjetivos e interjeições;
- a classe gramatical de maior ocorrência no uso de vocativo foram os substantivos;
- dentre os substantivos, houve maior ocorrência de substantivos comuns (menos específicos) do que substantivos próprios (mais específicos);
- houve grande incidência dos substantivos *cara* e *gente*, sendo utilizados como forma de tratamento em contexto oral informal;
- *cara* e *gente* são formas mais generalizada de chamamento do(s) interlocutor(es), conferindo uma relação de maior proximidade e menor especificidade;
- houve presença de vocativos que transparecem algum nível de proximidade. Foram encontrados 45 vocativos desse tipo, totalizando 24%;
- o uso de MEU + nomes (substantivo ou adjetivo) é presente nas interações informais orais, figurando 9% das incidências totais dos vocativos;
- as interjeições *Ô* (quando sozinha), *Ei* e *Psiu* funcionam como termo de chamamento, exercendo, assim, a função de vocativo e conferindo menor especificidade ao interlocutor;

- foram encontrados pronomes possessivos + adjetivos, pronomes de tratamento + adjetivos, pronome demonstrativo + substantivos, pronome possessivo e pronome pessoal que juntos somaram 6% das ocorrências;
- a utilização dos vocativos envolve, além de questões linguísticas, questões culturais de aproximação ou não dos interlocutores, assim como das intenções do locutor especificar mais ou menos seu interlocutor, a depender de seu propósito comunicativo, realizando escolhas que lhe pareçam mais eficientes em cada situação.

As conclusões deste trabalho são parciais e, diante de tão pouca exploração nas descrições sobre vocativos pelas gramáticas, faz-se necessário aumentar a investigação sobre o assunto, a fim de acrescentar maior número de descrições que auxiliem o professor e o aprendiz de PL2E.

5. REFERÊNCIAS

- AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 2 ed. São Paulo: Publifolha, 2012.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37 ed., Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 1999.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985
- FLANZER, V. Clicabril: uma proposta para o ensino de português como língua estrangeira (PLE) e cultura brasileira. In: RIBEIRO, A. A. (Org.). *Ensino de Português do Brasil para Estrangeiros: internacionalização, contextos e práticas*. Rio de Janeiro: Epublik, 2016.
- HUTCHINSON, A.P e LLOYD, J. *Portuguese: na essencial grammar*. London: Routledge, 1996.
- MEYER, R. M. B. Estudos em PL2E no Brasil: Trajetórias e tendências. In: RIBEIRO, A. A. (Org.). *Ensino de Português do Brasil para Estrangeiros: internacionalização, contextos e práticas*. Rio de Janeiro: Epublik, 2016.
- _____. *Aspectos Semântico-discursivos do Português como Língua Estrangeira*. Texto apresentado no Simpósio "O Português como Língua Estrangeira", como parte da programação da Abralín durante a reunião Anual da SBPC, Natal, RN, Julho de 1998 (cópia mimeo).
- NEVES, M.H.M. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: UNESP, 2000.
- PERINI, M.A. *Sofrendo a gramática: Ensaio sobre a linguagem*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1997.

REBELLO, A. *interjeição – Um Fator de Identidade Cultural*. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

WHITLAM, J. *Modern Brazilian Portuguese Grammar: A Pratical Guide*. New York: Routledge, 2011.